

## O EXÍLIO E SUA LITERATURA

Experimentar exílio, viver longe da terra natal, o que teria significado isso para quem sobreviveu à calamidade de 587 aC e foi deportado para a Babilônia?

Se ao menos tivessem para onde voltar. Para trás ficou terra arrasada, templo em ruínas, instituições desfeitas. Alguns sobreviventes teriam ido para o Egito; até o profeta Jeremias levaram consigo, mesmo contra a vontade.

Como lidar com essas perdas enormes? O natural seria que os deportados sumissem nas areias da Mesopotâmia.

Onde o Israel destroçado foi buscar recursos e energias para se manter em pé e firmar sua identidade?

Primeiro momento: relendo os profetas

Segundo momento: revendo a história

Terceiro momento: olhando para um novo horizonte

### **PRIMEIRO MOMENTO:**

...relendo os profetas

Fazia 10 anos que os primeiros deportados estavam na Babilônia. O império exercia seu domínio agindo por etapas. Na primeira etapa levaram de Jerusalém o governo e os ocupantes de cargos e funções que poderiam devolver a independência ao povo subjugado.

Um primeiro contingente é levado à capital do império em 598 aC, ficando para trás um governo completamente servil aos babilônios com o compromisso de produzir os tributos estabelecidos.

Chegando à capital Babilônia, a primeira leva de judaítas foi assentada em colônias junto aos canais de irrigação do rio Eufrates; alimentavam a esperança de que seria por pouco tempo.

Profetas como Jeremias tentavam desfazer essas expectativas ilusórias. Recomendava aos exilados:

Podem se preparar para longos anos; construir a vida por lá, dar seus filhos em casamento e até engajar-se pela paz da cidade para onde foram levados. Esse é o teor de uma carta de Jeremias enviada de Jerusalém aos deportados (Jr 29).

Quando vem a nova leva de deportados em 587 aC, contando de que nada sobrara de sua terra natal, só lhes restam cerimônias de lamentação em terra estranha.

Como entender o que tinha acontecido? Seu Deus não foi capaz de protegê-los diante da fúria dos babilônios? E mais do que isso: Segundo os profetas, Deus se valeu do exército babilônico como instrumento de punição para seu povo que se tornara infiel. Só lhes restavam cerimônias de lamento. O Salmo 137 expressa a dor e a saudade do povo trazido à força de Jerusalém e Judá, e agora estavam aí sentados junto às margens dos canais da Babilônia cantando:

À beira dos canais de Babilônia,  
nos sentamos, e choramos  
com saudades de Sião;  
nos salgueiros que ali estavam,  
penduramos nossas harpas.

E se perguntavam:

Como entoar um cântico do Senhor  
Em terra estrangeira?

Era algo impossível cantar louvores ao Deus que não conseguiu segurá-los na terra; cantar louvores quando o rei da dinastia de Davi era prisioneiro de guerra, mesmo tendo algumas regalias. Cantar louvores a um Deus, cujo templo estava em ruínas juntamente com a sua cidade de Jerusalém. Não só estruturas materiais de sua terra e seu reino estavam no chão, também sua confiança em Yahveh estava por um fio. Onde buscar alguma explicação para o que se passava com os sobreviventes desse pior desastre que pode acontecer a um povo.

Será que os profetas não tinham razão? Qual será a razão de nosso Deus vir em rota de colisão com seu povo? Na aula passada ouvimos do esforço dos profetas em detectar a causa da desgraça iminente. Auscultavam a vida social, religiosa e política para ver onde a liberdade, o direito e a soberania de Deus eram negados no Israel do norte e em Judá no sul.

O exílio não é destino ou resultado de um império ávido por poder e riqueza dos povos; é o Deus da história que o permitiu.

O profeta Ezequiel, sacerdote trazido na primeira leva de deportados (598 aC), fora feito profeta por seu Deus entre os exilados. Ele inicia sua atividade no quinto ano da deportação do rei Joaquin (Ez 1,2). Dele vem a narrativa da poderosa visão de Deus no templo de Jerusalém: um trono de enormes proporções ganha rodas e se desloca pelos ares até a longínqua Babilônia (Ez 1-3). Para o profeta ficou claro: é o Deus de Jerusalém e de Judá deixando o templo, a terra e se transferindo para junto dos exilados em terra estranha. Uma visão surpreendente de um Deus que pune, é verdade, mas não abandona definitivamente seu povo, e nem morre depois que vê seu templo em ruínas. Não, Yahveh se põe a caminho e chega até o rio Cobar, um afluente do Eufrates, onde estão assentados os deportados de Jerusalém (Ez 3,23). Deus se torna acessível em pleno exílio. A visão faz enxergar a realidade sombria com um novo olhar.

Mas demoraria um bom tempo até que a comunidade dos exilados voltasse a enxergar a face benevolente de Deus.

É hora de rever a literatura dos profetas em busca de alguma luz, alguma lógica para a desgraça que lhes sobreviera. É dessa época que vem as atualizações da mensagem e das palavras dos profetas.

Um livro de Jeremias, por exemplo, ganha enormes acréscimos de autores que pensam a mensagem desse profeta para a nova fase de um povo de Deus que perdera tudo.

É verdade, esses rolos de palavras proféticas, num primeiro momento, só puxariam a comunidade exílica ainda mais para baixo, aprofundando sua consciência de culpa.

São essas coleções de palavras proféticas, no entanto, que ajudaram a geração do exílio a entender que profetas eram os “servos privilegiados de Deus” (2Rs 17,13) e que da boca deles vinha a palavra decisiva em meio à crise, mas infelizmente não foram ouvidos (cf. Is 30,14).

Se tivessem dado ouvidos aos profetas, obedecido à Lei de Deus, talvez a história tivesse tomado outro rumo.

## **SEGUNDO MOMENTO:**

...revedo a história

Com essa nova consciência escribas-historiadores elaboram uma revisão de sua historiografia. Muito material que até então servia de propaganda para os governantes, de Samaria no norte e de Jerusalém no Sul, é visto sob um novo ângulo. Poucos reis passam incólumes nessa revisão histórica.

Qual era o critério de análise de um determinado rei?

A medida de avaliação de um rei era religiosa: Até onde o rei favoreceu a adoração exclusiva de Yahveh? Onde ele cedeu à idolatria e foi infiel às leis e aos mandamentos de seu Deus? Poucos reis passaram pela prova; Davi, Asa e Ezequias e Josias, constituem a exceção. Aliás, o rigor com que é feito, rei após rei,

não deixa escapar nem o fundador da dinastia davídica. Ele continua modelo, é claro, para os demais governantes da longa história do reinado de Israel e Judá, mas o é também na sua postura de humilhar-se diante do erro cometido (1Rs 11,38-39). Um elogio incondicional é tributado, apenas, ao rei Josias (640-609), e isso se deve à reforma do culto levada a efeito por ele. Se seus antecessores e sucessores tivessem agido como ele talvez Yahveh tivesse evitado o desastre nacional, na opinião dos escribas-historiadores.

A pesquisa deu a essa revisão histórica o nome de Obra Historiográfica Deuteronomística. A obra tem início com o livro do Deuterônomo e encerra com os acontecimentos quase da época dos redatores, narrados nos últimos capítulos de 2Reis.

A base para a análise histórica encontra-se no primeiro livro da obra que é o Deuterônomo. Lá, Israel é exortado e conclamado à fidelidade e ao cumprimento da lei, aqui nos livros históricos constata-se de que poucas vezes Israel realizou o que a Lei Deuterômica (Dt 12-26) cobra.

Em Dt 6,5 Israel é conclamado no famoso shemá Ysrael:

Ouve, Israel! O SENHOR nosso Deus é o único SENHOR. Amarás o SENHOR teu Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças.

Na revisão histórica, quem deu conta dessa cobrança?

Ninguém menos do que o festejado governante Josias recebe um parecer completamente favorável:

Não houve antes um rei como ele que se tivesse voltado para o SENHOR, com toda a sua alma e força e em pleno acordo com a Lei de Moisés; nem depois houve um rei igual a ele. (2Rs 23,25)

Com certeza, não é uma obra que quer preservar a memória do passado; é uma revisão histórica que quer ajudar a própria geração no exílio a lidar com a sua história presente. Responsável pela derrocada de Israel não é seu Deus; ele tinha razão de agir como agiu com seu povo.

Único responsável pelo que aconteceu a Israel, amargando exílio em terra estranha, foi o próprio povo, representado pelo rei e sua infidelidade a Yahveh no culto. Aliás, o critério é bastante unilateral. Não se fala, explicitamente, de culpa na lida com os mais frágeis da sociedade, como ouvimos de Amós. A Obra Historiográfica Deuteronomística reserva amplo espaço para a transgressão na esfera religiosa. Quem fracassou não foi seu Deus que até chama um rei assírio (Is 10,5-6) ou babilônio (Jr 27,6; 28,14) para executar juízo sobre seu próprio povo; quem fracassou foi o Israel infiel a seu Deus. O que fazer com essa confissão de culpa? Saber de que somos responsáveis pela história de desgraça que caiu sobre nossas cabeças não nos ajuda.

Chama a atenção de que vamos encontrar poucos discursos desses escribas-historiadores que conclamam à penitência. Em todos os casos, a comunidade exílica reúne-se em celebrações de lamento, faz leituras públicas de sua Lei.

A Lei, a Torá, não tem apenas leis e mandamentos, ela também está cheia de narrativas que mostram mais do que um Deus que cobra apenas obediência e fidelidade.

Quando será que Israel redescobre de que seu Deus é, primeiramente, Deus que vem ao encontro, que quer socorrer e acolher?

A literatura profética estava permeada de juízo e de denúncias e de crimes que provocaram a catástrofe nacional, mas essa não seria a última palavra que Israel ouve de seu Deus.

### **TERCEIRO MOMENTO:**

...olhando para um novo horizonte!

Um conjunto de poemas desperta nosso olhar e nossa atenção; encontramos-os no grande livro do profeta Isaías, cap. 40 a 55. Com sua abertura triunfal, que se dá através dos imperativos - Consolai, consolai, meu povo – os poemas despertam nosso olhar e nossa atenção.

Soam como um novo cântico, e desta vez não de lamento ou de confissão de culpa. Um autor ou será um profeta-cantor que fica no anonimato, ensaia uma nova melodia.

Estamos em fase de transição, o império babilônico está com seus dias contados; o governante persa nos anos de 538/539 aC., de nome Ciro, está numa campanha, colhendo vitórias e mais vitórias; é promessa de novos tempos para Israel.



Que Israel era esse?

Esse Israel formava uma comunidade vivendo no estrangeiro, um grupo de exilados assentados em colônias agrícolas ao longo dos canais do rio Eufrates, nos arredores da Babilônia. Após o desmanche do estado, a perda de terra, templo e culto, estava aí já a geração dos filhos e netos dos que foram trazidos à força de Jerusalém para a capital do império babilônico, ganhando seu sustento como agricultores, pagando tributos para o império que acabara com sua história na Palestina. Alguns até conseguiram espaço na administração e no comércio. No geral, a situação era nada confortável.

Para aquele grupo na Babilônia, finalmente aparece uma luz no fim do túnel ou algo novo no horizonte. Uma voz se levanta na comunidade, talvez alguém responsável pelos cânticos da comunidade religiosa, lá nas colônias agrícolas ou nos quarteirões dos exilados judeus na cidade.

Há mudanças à vista, quase palpáveis. O profeta-cantor mudou o tom dos seus cantos; talvez cantasse lamentos do tipo “Deus esqueceu-se de nós aqui na longínqua Babilônia”, “Ele está pouco preocupado com nossa dura sina”(Is 40,27).

Seus cantos agora têm um novo tom: alegria, certeza e esperança encheram seu coração. Sente-se literalmente contagiado pela novidade que ele tem para contar.

Para ele não há mais dúvidas: Deus é criador, saiu do seu lugar oculto e resolveu retomar suas funções. O Deus desse resto de Israel, quase desintegrado, continua ativo. Ele não ficou debaixo

dos escombros de seu templo lá em Jerusalém no 6. século aC; ele está, é muito vivo!

Quais as boas-novas que ele tem a anunciar para sua comunidade?

Deus voltou a fazer o que mais gosta: agir em favor de seu povo. Para tanto ele se apresenta, como criador de Israel, como redentor, salvador e principalmente como rei de seu povo. Deus quebra o silêncio, sai do oculto e se apresenta como aquele que vai pôr seu povo em movimento e a caminho de volta para casa.

Algo nada fácil, arrancar da inércia, da apatia um povo que se considerava esquecido por Deus ou até renegado por ele. E não sem razão, depois de tanto discurso profético apontando para uma história de culpa.

Como reconquistar seu povo de volta para uma relação de confiança, de acolhida, de uma comunicação sem culpa e de proximidade? Como experimentar Deus como aquele que antes de tudo quer o bem, quer a salvação, se durante décadas só ouviram histórias do Deus que denuncia o pecado e pune a transgressão?

Se Israel redescobriu essa face do Deus que quer o seu bem, que o quer numa relação de confiança, então isso se deve a esse profeta-cantor, que na pesquisa bíblica ganhou o nome fictício Dêutero-Isaías, o Segundo Isaías, o profeta no exílio.

Como ele faz isso?

Através da boca do profeta, o Eu divino se dirige ao parceiro Israel como tu. Não de uma forma solene e autoritária como “Eu

sou, o que sou” ou ainda como “Eu sou o Senhor, teu Deus, que tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Ex 20,2), para em seguida cobrar obediência a leis e enchê-lo de proibições.

O Deus que se apresenta através do profeta dirige-se a Israel com um “consolai, consolai!” ou com “não temas!” Seu primeiro gesto é de ir ao encontro e vir em socorro de alguém precisando de ajuda, sentindo-se só, abandonado e fragilizado.

Chama a atenção o “Não temas, vermezinho Jacó, eu te ajudo! (Is 41,14). Quanta diferença em comparação com as ameaças feitas ao Israel que abrigava crimes em seu meio. Quanto lamento, quanto grito por socorro deve ter ecoado daquela comunidade de exilados. Quanto tempo de espera para ouvir finalmente uma resposta de seu Deus. O profeta vem com um oráculo de salvação atrás do outro: “não temas, por que sou contigo, não te apavores, pois eu sou o teu Deus (41,10); “Não temas, sou eu que te ajudo” (41,13).

Aqui Dêutero-Isaías se vale de um expediente normalmente usado pelo sacerdote no templo. A pessoa ou o grupo leva o caso que lhe causa enorme aflição e dor até diante de Deus no santuário e o sacerdote traz a resposta em forma de um oráculo de salvação. É o caso de Ana que chega ao templo de Silo com uma dor no coração; PR algum motivo não foi agraciada com um filho sequer. Um tema recorrente no Antigo Testamento: uma vida sem deixar descendentes é sinal de desgraça para o fiel no antigo Israel. Ana despeja essa sua dor diante de Deus e finalmente Deus ouve sua queixa. De que forma?

Através da boca do sacerdote Eli, ela recebe um oráculo de salvação: Eli então lhe disse: “Vai em paz, e que o Deus de Israel te conceda o que lhe pediste”. Respondeu-lhe ela: “Ache a tua serva graça aos teus olhos.” E a mulher seguiu o seu caminho; comeu e o seu aspecto não era mais o mesmo. (1Sm 1,17-18)

Emprestando essa forma da fala sacerdotal para entregar uma palavra de salvação a uma pessoa que o procura, Dêutero-Isaías a emprega para comunicar a nova palavra de Deus para a dura situação dos descendentes dos deportados. Ele a introduz com a fórmula de destemor “Não temas” seguida de uma fundamentação que inicia com um “pois” ou “porque”. Citando mais um desses oráculos que fala desse agir benevolente de Deus, oferecendo sua presença que socorre, sua companhia que dá segurança no caminho, que proclama a volta para casa: “Não temas, porque eu te resgatei, chamei-te pelo teu nome: tu és meu!” (Is 43,1).

A primeira mensagem que Dêutero-Isaías passa para seu povo é: “Eis aí está o vosso Deus!” (Is 40,9). Ainda em pleno exílio, sem nada ter mudado efetivamente para os deportados, o profeta afirma desprotegidamente: Deus voltou a reinar! (Is 52,7). Mas ele não deveria primeiro mostrar alguns atos de seu novo governo divino para conquistar a confiança de sua comunidade? O que ele tem a apresentar?

1) O governante persa Ciro foi “ungido” por Deus; tudo que ele faz, ele empreende em nome e a serviço do Deus do insignificante “vermezinho Israel”; Ciro é instrumento de salvação

para Israel. Através dele, o Israel poderá retornar à terra, reconstruir sua vida em Jerusalém.

2) Só o Deus de Israel é Deus, porque não há salvador fora dele; só dele vem a palavra que se torna realidade. Se no passado essa palavra anunciava desgraça e ela se tornou realidade, agora ela anuncia graça e ela se materializará.

Só o Deus do pequeno Israel é Deus porque tem uma palavra que se torna evento. É palavra criadora de céus e terra; é palavra criadora de “novas coisas”, abrindo caminho de volta para casa (42,9; 43,19).

O reinado, que Deus reassumiu, se evidencia não apenas com o povo reinstalado na terra, com a Jerusalém sem ruínas e o templo reconstruído. Deus se tornou rei de Israel ao reconstruir uma relação de confiança com seu povo, colocando-o em movimento, abrindo caminho, puxando a marcha de retorno à terra, carregando seu povo como pastor cuidando especialmente dos animais mais fracos (40,11).

Essa ternura, essa solidariedade que põe em movimento é sinal do reino de Deus ainda em pleno exílio. Essa é uma dimensão de Palavra de Deus muito cara para mim!

Nesse sentido, o Deus experimentado no exílio prepara a novidade do reino de Deus anunciado por Jesus Cristo no Novo Testamento.

## Concluindo

O exílio como tempo de carências e perdas provocou uma crise sem precedentes entre os sobreviventes daquela catástrofe nacional. Como lidaram com isso?

Em intermináveis cerimônias de lamentação expressavam sua dor pelas perdas. A leitura dos rolos, contendo as palavras proféticas, aguçou sua percepção de que o exílio é juízo de Deus por causa de culpa.

Essa consciência de que o próprio Israel foi responsável pelo desastre faz com que se produzisse uma revisão da história, a grande Obra Historiográfica Deuteronomística (Dt+Josué até 2Reis). Trata-se de uma enorme confissão de culpa por parte de Israel e de um tributo a Deus de que ele tinha suas razões para agir como agiu. Exílio foi tempo de revisão.

Exílio também foi tempo de novas descobertas. Os poemas do chamado Dêutero-Isaías é testemunho disso.

Deus voltou sua face benevolente para o Israel destroçado e com baixíssima autoestima. A palavra de juízo dos profetas clássicos não foi sua última palavra. Ele rompe o silêncio e se põe, de uma forma incondicional, do lado de Israel com toda sua ternura reconquistando-o de volta para uma relação de confiança. A última palavra de Deus, redescoberta pela comunidade exílica, é Palavra que fala de um Deus que quer seu bem, que quer levá-la de volta para casa e, se necessário, carregando os mais fracos no braços.